

**REVISTA**   
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**  
**tomo XXVI** 



 **COIMBRA 1991**  
**FACULDADE de LETRAS**   
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

alude ao «valor da forma, [como] base fundamental de todo o vasilhame», após o que foca a influência das formas romanas e das formas e motivos, mais ou menos orientais, na cerâmica portuguesa. A terminar, o autor faz propostas muito concretas, as quais, salvo uma ou outra adaptação de pormenor, continuam válidas: «...julgo conveniente arrebanhar seleccionadamente pelo País todo o vasilhame, tanto quanto possível de todos os tempos, do primitivo ao actual, tanto rude como delicado, que se recomende pela forma ou carácter regional, e constituir com ele um museu». E continua José Queirós: «É preciso distribuir pelas escolas os velhos padrões da nossa olaria caseira [obviamente que aqui o leque deveria ser alargado ! ], para os que começam terem diante dos olhos o que há muitos séculos é belo e bem português» (p. 493).

Não desejaria concluir sem chamar, de novo, a atenção para esta *notável obra*, numa altura em que não só a história da indústria parece começar a receber algum alento, como as próprias questões, relativas ao património industrial, à arqueologia industrial e à nova museologia começam a interessar a um público cada vez mais vasto e diversificado.

JOSÉ M. AMADO MENDES

MERCEDES VALDIVIESO RODRIGO — *Die Génération von 98 und die spanische Malerei*. Böhlau Verlag, Köln — Wien. 1988. X + 214 págs. + 57 ilustr.

Com a sua dissertação de doutoramento *sobre A geração de 98 e a pintura espanhola*, Mercedes Valdivieso Rodrigo apresenta ao público um estudo de interesse particular para a história da arte e literatura da Espanha e que revela a conexão íntima entre o contexto histórico e as manifestações culturais de uma sociedade.

Tendo como ponto de partida o conhecido movimento literário de 98, geralmente identificado com uma época marcada pela

derrota da Espanha na guerra contra os Estados Unidos em 1898 e a perda das suas últimas colônias na América e Ásia, a autora procura mostrar no seu trabalho que o termo "geração de 98" simboliza uma determinada maneira de pensar que se manifesta em todas as formas da vida artística.

A experiência da derrota, a procura das suas causas e o reconhecimento da necessidade de uma regeneração espiritual da pátria orientaram não só o trabalho dos escritores, mas encontraram a sua expressão, segundo a tese da autora, também na pintura.

Assim, Mercedes Valdivieso Rodrigo define o principal objetivo do seu trabalho como um estudo da ligação entre a produção literária e artística na base desta comunidade de ideias.

Depois de um breve esboço da História de Espanha, em que o acontecimento de 1898 aparece como o último passo da decadência de um império, iniciada há 300 anos, encontramos no primeiro capítulo uma apresentação de várias escolas de arte do séc. XIX, com um papel decisivo para a formação de uma nova geração de pintores que tem como representantes mais notáveis Ignacio Zuloaga, Ricardo Baroja, Juan de Echevarría, Darío de Regoyos, Daniel Vázquez Díaz, José Gutiérrez Solana, Isidro Nonell, Elias Salaverría, Ramón Casas e Santiago Rusiñol. Além da "pintura histórica", da "pintura social" e da "pintura de paisagem", a autora salienta o "regionalismo" que, em consequência da mudança da sociedade espanhola em meados do séc. XIX (industrialização e formação de significativos centros económicos nas zonas limítrofes), foi promovido pela nova burguesia como expressão da sua crescente importância.

Alguns dos membros do movimento literário de 98 tentaram definir as características do seu próprio grupo, entre eles José Martínez Ruiz (Azorín), Ramiro de Maeztu, Miguel de Unamuno e Pío Baroja. No segundo capítulo fala-se dos seus precursores na literatura espanhola (José Echegaray, Ramón de Campoamor, Benito Pérez Galdós), da influência da filosofia e poesia europeias nesta geração (sobretudo Nietzsche, Verlaine e Gautier), das suas tendências estéticas e artísticas particulares (por exemplo o amor à

paisagem e às cidades antigas, aos poetas primitivos e à pintura de El Greco) e de algumas características da sua maneira de pensar (segundo Baraja, o individualismo, a preocupação com a justiça social, o desprezo da política, o "hamletismo", o anarquismo e a mística).

No terceiro capítulo, a autora procura evidenciar as ligações espirituais entre pintores e escritores. Sinal visível desta proximidade é uma série de contactos sociais que caracterizam a vida destes intelectuais e artistas em Madrid, o centro cultural deste movimento, como por exemplo as famosas "tertúlias" em determinados cafés da capital, a colaboração em revistas, manifestações culturais e as excursões aos arredores de Madrid para conhecer a paisagem, os monumentos e os costumes da população.

Enquanto a descrição destas actividades às vezes ainda pode causar a impressão da existência de dois grupos separados com ligações apenas pontuais, reconhecemos uma referência mútua, directa e explícita nos dois parágrafos sobre "retratos de escritores" e "afirmações dos escritores sobre a pintura", que revelam as relações pessoais dos escritores com os pintores, as suas ideias sobre várias escolas de arte e sobre o papel da arte na sociedade.

Os capítulos IV e V constituem a parte mais importante do trabalho. O subdesenvolvimento da Espanha, denunciado com o fim do império, é tema central de uma crítica, que se encontra tanto nas obras dos escritores como dos pintores. O ponto de referência desta crítica é um livro do poeta Emile Verhaeren e do pintor Darío de Regoyos, do ano 1899, com o título *España*, que apresenta em texto e imagens as impressões dos dois autores numa viagem por Espanha e que contraria muito a imagem estereotípica das coloridas festas populares, divulgada sobretudo pelo romantismo. "A Espanha, que Regoyos e Verhaeren encontraram e também procuraram conscientemente, era uma Espanha Negra, onde a morte está presente em todo o lugar e onde as festas populares, por causa desta mistura estranha de religião e costumes, têm um carácter pesado, fúnebre..." (p. 70).

Através de uma comparação sistemática de quadros de Ricardo

Baraja, José Gutiérrez Solana, Darío de Regoyos e Ignacio Zuloaga e de textos das obras de Azorín, Pío Baraja, Ramón del Valle-Inclán e Miguel de Unamuno, a autora mostra como os pintores e escritores da geração de 98 aceitaram e desenvolveram este tema. Em descrições impressionantes da vida religiosa (missa, romarias e procissões, cenas com disciplinantes, morte, cemitério e funerais) revela-se a sua posição anti-clerical e a sua rejeição de uma "religião inimiga da vida". A principal distração do povo, a corrida de toiros, é denunciada como um espectáculo embrutecedor, que apela aos instintos mais primitivos do homem. Uma análise crítica das condições de vida na metrópole Madrid encontra-se em muitos quadros e romances da geração de 98, com excelentes representações da miséria urbana (bairros de lata, mendigos, "repatriados", prostituição e pessoas que vivem da recolha de lixo).

No último capítulo, Mercedes Valdivieso Rodrigo fala-nos do esforço da geração de 98 na sua procura "de uma solução filosófica do 'Problema Espanha' (p. 115). Um renascimento espiritual da Espanha, na opinião dos escritores, só era possível através de uma nova ideia da História, designada com a expressão 'Intra-História' de Unamuno e através de um encontro com a verdadeira alma espanhola. A geração de 98 descobriu a representação mais pura desta alma na paisagem e no povo de Castela. Considerando particularmente os quadros de Zuloaga e Regoyos e os textos de Azorín, Unamuno, Machado e Pío Baraja, a autora prova a relação específica de escritores e pintores com este tema que, com o decorrer do tempo e a deterioração das ideias reformistas, passou a ser um mero objecto de contemplação estética.

Em termos de conclusão podemos dizer que, através de uma comparação metódica de obras de pintura e literatura, da exposição dos meios estilísticos e da filosofia da geração de 98, a autora consegue transmitir as características de uma fase decisiva na evolução da arte em Espanha. As descrições da comunidade de artistas contêm indicações valiosas sobre a vida cultural da Espanha e a interpretação cuidadosa das suas obras revela-se uma fonte rica em pormenores sobre a sociedade espanhola na viragem

do século. O extenso anexo com notas e reproduções das obras de pintura constitui um elemento importante para a compreensão da geração de 98.

Um trabalho sistemático com urna sólida base de materiais convida-nos a outros estudos da historia da arte e literatura da Espanha.

HANS-RICHARD JAHNKE

*I Encontro sobre o Património Industrial. Coimbra—Guimarães—Lisboa!1986. Actas e Comunicações.* Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Coimbra Editora, Limitada. Volume II, Coimbra, 1990. 958 pp. Ilustr.

Desde há pouco mais de uma década chegou a Portugal o movimento de preservação e reabilitação do património industrial que as destruições da guerra de 1939-1945 e posteriores reconstruções suscitaram em vários países, designadamente na Grã-Bretanha.

Os estudos então iniciados, a princípio dispersos e guiados mais por objectivos imediatos do que por programas bem definidos, vieram em breve a concretizar-se e a congregar-se na área científica da Arqueologia industrial, graças, sobretudo, à acção de organizações como a Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (hoje Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial).

Consequência natural deste interesse e destas actividades foi a participação do nosso País na Iª Conferência Internacional para a Conservação do Património Industrial (Lowell-Boston, 1984), por intermédio do Dr. Jorge Custódio, da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. O mesmo estudioso passou a ser o representante português no International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage e recebeu desde logo o encargo de